

# Senado produziu muito pouco em 81

*Estado de Rondônia foi a votação mais importante*

Muita discussão e pouca solução. Esse é, sem dúvida, o resultado final no balanço das atividades do Senado Federal no período legislativo de 81. De março a dezembro, muito se falou, mas pouco se rejeitou, simplesmente porque não se votou. Obstruiu-se. Poderia ter sido de outra forma se o Governo não demorasse a retirar as cartas da manga e bancar o jogo eleitoral de 82. Logo na abertura dos trabalhos legislativos, as Oposições exigiam a definição dessas regras. Essa demora fez surgir no plenário do Senado a obstrução. Consequência: pelo crivo obstrucionista passaram apenas alguns pedidos de empréstimos e outras pequenas matérias. Apenas uma exceção: a ascensão de Rondônia a Estado. Esse projeto, que rolou por todos os lados na mesa de negociações, acabou transformando-se na única e mais significativa matéria aprovada pelo Senado neste ano, principalmente porque vai modificar o país. Pelo menos, vai alterar seu mapa e os livros de história e geografia.

## ESGRIMISTAS

A obstrução foi como uma espada na mão de um esgrimista. As Oposições usaram-na com muito talento no duelo contra a maioria do PDS. O Senador Dirceu Cardosos, certamente, foi o maior esgrimista e quem mais utilizou esta tática. Mesmo sem o escudo de um partido e mais tarde dentro do PMDB, o velho e agitado senador capixaba não deixava passar nada. Em qualquer sessão, lá estava ele como um soldado

obstrucionista. No momento da votação, ele atacava. Pedia verificação de quorum. Seu golpe, na maioria das vezes, dava certo. Constatava-se a falta de número regimental e mais uma vez a pauta da Ordem do Dia, ficava engatada, acumulando projetos e mais projetos, principalmente os pedidos de empréstimos feitos por Estados e municípios.

Dirceu Cardoso sempre alegou que obstruía porque os empréstimos aumentariam o endividamento do país. O ouve Dirceu e as Oposições queriam era definir as regras do jogo eleitoral de 82. O PDS ficava na comôda posição de protestar, alegando que as Oposições estavam sendo intransigentes e que não iria aceitar a "ditadura da maioria". O nervoso Dirceu rebatia com uma simples ponderação: já que PDS é a maioria, então que comparese em peso para desobstruir. Caso contrário, nada se aprovaria, pois as Oposições tinham — e têm — a seu favor o regimento do Senado, que permite que apenas um senador obstrua toda a pauta.

Somente quando as lideranças do PDS e das Oposições conseguiram estabelecer alguns acordos, negociando determinados projetos, era então possível desobstruir a pauta, fazendo passar pelo crivo algumas matérias. Porém, essa situação, que desagradava ao PDS e ao Governo, tendia a permanecer por tempo indefinido. Chegou novembro, e com ele veio o "pacote" eleitoral. A ordem do presidente Figueiredo era que o seu Parti-

do fechasse questão em torno das propostas saídas do Palácio do Planalto para o Congresso Nacional. Foi obedecendo esta ordem que toda a bancada do PDS conseguiu chegar ao plenário do Senado e aprovar o projeto de Rondônia tal qual ele foi enviado pelo Governo.

## TUMULTO

A bancada Oposicionista, mesmo sem maioria, tem demonstrado muita disposição em obstruir, usando de todos os artifícios, conseguindo ganhar tempo. Está consciente de que não há outro meio — se é que este funcionará sempre —, que não há mais negociações. E vencer ou perder, mas sempre, em qualquer dos dois casos, será pelo cansaço. E até uma questão de honra, de resistir, mesmo sabendo que será derrotado mais dias menos dias. Adiar a votação da Lei das Inelegibilidades para janeiro foi apenas retardar a vitória do PDS. Mas para essa conquista, o maior obstáculo que o PDS enfrentará será a obstrução.

Basta lembrar que, numa das sessões extraordinárias do Senado, Dirceu Cardoso, depois de armar o maior tumulto, provocando líderes do PDS e o presidente da Casa, senador Jarbas Passarinho, ameaçou taxativo: "Vou fazer tudo para continuar a obstrução". E nesse "tudo", ele já incluiu a ideia de rasgar a Constituição Federal e atirá-la em pedaços ao ar, para provar que o parlamento e o Governo não merecem o povo que têm.